

Parte II - A psiquiatria... isso se cura!

Narrações contemporâneas: vagabundos e turistas nas práticas da saúde mental

Luis Antonio Baptista

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BAPTISTA, LA. Narrações contemporâneas: vagabundos e turistas nas práticas da saúde mental. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 68-84. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

NARRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS: VAGABUNDOS E TURISTAS NAS PRÁTICAS DA SAÚDE MENTAL

*Luis Antonio Baptista **

Desmaiou emocionado o sacerdote após a bênção ao hospício da Praia Vermelha; ao lado do imperador Pedro II, e de outras personalidades, inauguravam em 5 de dezembro de 1852 o primeiro estabelecimento para alienados no Rio de Janeiro. A emoção do padre realizava o desejo do ex-intendente geral da polícia José Clemente Pereira, na época provedor da Santa Casa da Misericórdia, junto ao sonho dos médicos cariocas, os quais “em memórias, artigos e relatórios, declararam que a situação existente não podia continuar, isto é, que os indivíduos loucos não deviam ser considerados ‘bestaferas’, trancafiados, como eram, nas jazidas das cadeias públicas, ou nos porões das Santas Casas, recebendo através das grades a água e o alimento” (BARRETO FILHO e LIMA, 1942: 147). A cidade, após a inauguração, entre humanismos e utopias científicas, gradativamente presenciará sentidos singulares traduzidos das suas ruas e dos desatinados que as ocupavam.

Apesar do desmaio do padre enaltecendo a grandiosidade do evento, o novo espaço hospedará poucos internos durante o Império. A capacidade do hospício era de 350 leitos, porém somente 140 alienados, oriundos da Santa Casa da Misericórdia e da enfermaria provisória da Praia Vermelha, ocuparam a majestosa instituição ornada em mármore de Carrara. No salão nobre, a estátua do imperador Pedro ao lado das escadarias, as dos renomados cientistas da época, Pinel e Esquirol, celebravam a união do poder do Império com a ciência. A capela no interior do hospício juntava-se a esta união, justificando o desfalecimento do sacerdote. Não obstante as

* Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. O trecho deste artigo referente aos “passos repetidos da Via Marconi” foi publicado no livro *Conversando em casa*, organizado por Gina Ferreira e Paulo Fonseca. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

críticas dos jornalistas da época, opondo-se aos gastos para obra que abrigava poucos internos, o sonho dos médicos e do ex-intendente-geral da polícia denunciaram o futuro dos deserdados da razão. Na República, personagens insólitos, gente dos becos, serão traduzidos em perigo social e varridos do espaço do público, encarnando as mazelas cariocas. O hospício pouco a pouco enchia, realizando a higiene da ação médica.

Obras adicionais tiveram de ser feitas com o correr dos anos, aumentando a capacidade do hospício para 800 doentes. Nem assim foi o suficiente, pois, ainda em 1940, ali se abrigavam para mais de 2.000 enfermos, que sepultavam todas as seções e ainda atulhavam os corredores e os desvãos das escadas (*ibidem*, 149).

Novos hospitais psiquiátricos serão construídos, porém sem longos discursos ou desmaios. O Rio de Janeiro, aspirando ser a cidade civilizada, não admitirá desfalecimentos ou emoções em demasia; a neutralidade seca e racional do gerenciamento laico e científico edificará hospícios com linhas arquitetônicas inspiradas na racionalidade dos espaços. Ordem e Progresso, lema da bandeira brasileira, farão Os hospícios encherem e os padres controlarem seus sentimentos. Bênçãos religiosas darão lugar à sagrada sabedoria da Natureza. Arquitetura, Estado, Ciência falarão articulados para a cidade sobre perigos e sobre a felicidade prometida pelos tutores da nova ordem urbana. Hospícios projetados como bucólicas comunidades, longe do perímetro urbano, farão a loucura falar em nome do natural. A insânia medicalizada necessitará da atenção do Estado rodeada por árvores, riachos, muros, e silêncio.

A exclusão social do louco no Brasil do Império e da República apresentou as “bestas-feras” deserdadas da razão, os doentes da alma deserdados da natureza saudável, porém meticulosamente incluídos nos respectivos espaços de pertinência, fazendo-os reproduzir verdades. Os espaços não só enclausuravam, mas fundamentalmente compartilhavam dos discursos que enunciavam o real significado do desatino. Loucuras visíveis no corpo ou na alma, protegidas por grades ou pelo silêncio bucólico, reproduziam as marcas dos medos e das utopias da cidade dos sábios. Cada coisa no seu devido lugar, cada verdade estrategicamente revelada no seu

devido lugar, cada temor e cada promessa de felicidade cuidadosamente refletidos nos seus devidos lugares desenharam a exclusão social nos tempos do capitalismo da modernidade, legando ao excluído a clareza e o visível significado da sua sina. Arquitetura, Estado, Ciência, temerosos das sombras urbanas produzidas pelas luzes da razão, deram-lhes corpo, materialidade, visibilidade, protegendo a cidade da impertinência dos modos de vida inclassificáveis e sem pouso fixo.

No mundo do capitalismo da hegemonia do mercado, onde tempo e espaço ganham sentidos específicos, quais seriam as articulações entre loucura e espaço urbano? A purificação do espaço urbano requer, na contemporaneidade, lugares fixos para domar o inclassificável? Excluímos hoje produzindo visibilidade? O mundo da globalização, do Estado que se intitula mínimo, necessitará de estabelecimentos gerenciadores da saúde e da ordem? A exclusão social das geografias, em constantes desterritorializações, que face e resistência nos mostra?

Proponho, para a análise destas indagações, uma primeira pista elucidativa, aparentemente ingênua, mas promissora como provável iconografia da exclusão social no mapa do capitalismo contemporâneo. Sabemos que os mapas nos informam não só sobre a localização dos lugares, mas, de modo não muito visível, comunicam fronteiras, confins, presenças, ausências, tensões enunciadoras da disruptora ação da alteridade. São iconografias de guerras maiúsculas e minúsculas, ilustração de campos de forças antagonicos, apresentando a visibilidade e a invisibilidade conquistadas nos combates. Esclarecendo a primeira pista: a poucos metros do Centro Psiquiátrico Pedro II, tradicional manicômio situado no subúrbio carioca do Engenho de Dentro, um empreendimento imobiliário é promovido com uma forte campanha publicitária. No posto de vendas da Rua Ana Leocádia, em frente ao hospital, a maquete e os cartazes coloridos informam como será o futuro edifício, o seu entorno geográfico, e o dia-a-dia dos proprietários. Imagens em cores vivas indicam referências do bairro, ilustrando o cotidiano como escola, comércio, ruas vizinhas, posto de saúde, a feira semanal; porém um fato curioso chama a atenção: o grande

hospital de muitas décadas sumiu da publicidade. Por que será que o velho e conhecido manicômio do Engenho de Dentro foi traduzido em invisibilidade? Qual a relevância para nós, pesquisadores empenhados na luta antimanicomial, deste sumiço? Quais os efeitos políticos, nesta era do Estado que se intitula mínimo e do desmantelamento de verbas públicas e projetos coletivos, do manicômio invisível?

No mundo, segundo Zygmunt Bauman, dos consumidores–turistas e dos excluídos–vagabundos¹, qual a relevância deste mapa–publicidade comunicando o fim do hospício? Terá este fim semelhanças com a nossa luta?

Conhecendo este fato, recordei de um outro episódio insólito, no qual um ex-paciente psiquiátrico italiano sumia, à semelhança do manicômio carioca. Na segunda pista, proponho repartir as reflexões contidas no meu diário de viagem, onde investigo o sumiço do ex-paciente após a Reforma Psiquiátrica na Itália, e suas estratégias incansáveis para não se deixar capturar pela invisibilidade. Neste diário de pesquisa, relato a experiência do pesquisador–estrangeiro frente à produção e às intervenções sobre o diverso neste mundo onde padres já não desmaiam, os hospícios dispensam mármore de Carrara, as colônias revelando a natureza, fazendo a loucura falar, são ineficazes; no entanto, o Estado que se diz mínimo nos oferece singulares desafios, entre vagabundos e turistas na era do consumo.

¹ “Uma palavra de advertência: turistas e vagabundos são as metáforas da vida contemporânea (...) Os turistas se demoram ou se movem segundo desejo de seus corações. Abandonam o local quando novas oportunidades não experimentadas acenam em outra parte. Os vagabundos, porém, sabem que não ficarão por muito tempo, por mais intensamente que o desejem, uma vez que em lugar nenhum em que parem são bem-vindos: se os turistas se movem porque acham o mundo irresistivelmente *atrativo*, os vagabundos se movem porque acham o mundo insuportavelmente *inóspito* (...) os vagabundos, as vítimas do mundo que transformou os turistas em seus heróis, têm, afinal, suas utilidades. Como os sociólogos gostam de dizer, eles são ‘funcionais’. É difícil viver em suas imediações, mas é inconcebível viver sem eles. São suas privações gritantes demais que reduzem as preocupações das pessoas com as inconveniências marginais. É a sua evidente infelicidade que inspira os outros a agradecerem a Deus, diariamente, por tê-los feito turistas” (BAUMAN, 1997: 117–120).

Os passos repetidos da Via Marconi

O inverno não conseguia impedir o percurso diário que ele fazia da Via Marconi à Via Carducci. Em todas as estações do ano, as ruas de Imola cruzavam com seus passos. Franco Fuzzi, filho de camponeses e nascido nesta cidade em 1942, caminhava sempre na mesma hora e itinerário, insistindo em explorar vestígios e contatos. Os dois quilômetros percorridos de sua casa na Via Marconi ao ponto de ônibus da Via Carducci são repetidos em sua caminhada há vários anos. Franco Fuzzi viveu 32 anos no hospital psiquiátrico Lolli², internado aos oito anos de idade porque sofria de epilepsia. No pós-guerra, o Lolli abrigava crianças pobres para tratamento ou as deixadas pelas famílias para não morrerem de fome. Hoje, aos 56 anos, vive só no apartamento alugado pelo sistema de saúde local. Segundo ele, o longo período vivido no hospital lhe traz saudade e, ao mesmo tempo, repulsa: “foram 32 anos e 32 anos não são um dia” —diz, expressando os paradoxos detonados pela internação. Apesar dos anos que lhe foram tomados, ainda teima em estar atento a tudo. A curiosidade é sua forma de abater dores e combater fantasmas que o aprisionam a si e a seu passado. Sentindo saudade daquele lugar, tenta apoderar-se da história que lhe restou. Estar fora do manicômio poderia ser uma ameaça de perdê-la. Sentindo saudade daquele lugar, recriava a história que lhe restou. Estar fora do manicômio poderia ser uma ameaça de perdê-la.

Fora do Lolli, em 1982, descobriu que o manicômio persistia, invisível, em outros espaços. Para Franco, a lei 180 —a do fechamento dos hospitais psiquiátricos— estava iniciando um longo percurso; viver fora dos muros médicos ultrapassava o geográfico e o visível. Porém, nos passos repetidos da caminhada diária, habitando a seu modo o apartamento alugado, envolvendo-se curiosamente no dia-a-dia, usando e apropriando-se da cidade, encontrava armas para destruir o manicômio. No Lolli nada o surpreendia: os significados duros das coisas e dos fatos, ao lado de identidades predestinadas a serem o que eram, anulavam o uso de sua

² Sobre a história do hospital psiquiátrico, ver: Venturini *et alii*, 1994.

curiosidade. Lá, o cotidiano traduzia-se em intensidade máxima de familiaridade; nada acontecia, nada se estranhava; apenas se reproduziam as horas, esperava-se. Naquele lugar nem a morte existia. Até 1968, tomava banho frio de mangueira junto aos outros; presenciou a destruição de alguns companheiros de pavilhão pelo eletrochoque, agressões físicas da enfermagem aos que desobedeciam; a diferença de tratamento nos pavilhões dos ricos e dos pobres, a indiferença dos médicos; viveu situações nas quais a condição humana inexistia.

No entanto, a exclusão não seria a característica fundamental definidora do manicômio, que, segundo ele, permanece dentro dos seus ex-habitantes, grudado ao corpo, “dentro da alma”. O espaço que persistia nesses anos fora do Lolli, endurecendo-o preso à identidade do ex-paciente, fazendo-o falar do passado e do futuro sem o costumeiro brilho nos olhos curiosos era algo mais violento que a exclusão. Nos encontros no bar das tardes de Imola, o estrangeiro pouco a pouco conhecia o manicômio invisível de Franco. Em uma dessas tardes, após beber o *cappuccino*, sugeriu que aquele lugar não tinha tempo. Lá, nem morte nem vida existiam. Neste dia, o outro suspeitou que a curiosidade de Franco ultrapassava suas marcas pessoais. Uma arma para enfrentamentos, foi a provisória conclusão. O manicômio para o andarilho da Via Marconi é ausência e recusa de tempo. Lugar onde nada acontece fora dos desígnios das sinas. Espaço do amanhã sem hoje, do passado ausente de memória e inacabamento. Antro do mesmo e do nada. Ali, um diálogo rotineiro repetia-se, ultrapassando os limites de Ímola: “Doutor, quando volto pra casa’?”; resposta do médico: “Amanhã” (DE LUCA e FRATURA, 1999).

Franco Fuzzi é muito conhecido na cidade. No percurso da caminhada diária dos passos repetidos, cumprimenta a todos que encontra no caminho. Porém, um certo dia, confidenciou ao amigo estrangeiro suas impressões sobre a solidão dos ex-habitantes do manicômio visível e o seu modo particular de dissipá-la:

O fechamento do manicômio foi uma boa coisa; porém uma pessoa como eu, e como tantas outras, que viveram boa parte de suas vidas

lá dentro, segregadas, sem poder sair, levarão no coração as marcas do desperdício de suas vidas, que não viveram, não gozaram, não curtiram. Ficará sempre o descontentamento pelas coisas que não puderam realizar. O meu sonho para o futuro é encontrar muitos amigos. Mas como faço? Não sou muito hábil em falar, apesar de falar com prazer. Portanto, não sei como fazer para encontrar amigos. É preciso sempre que a primeira pedra, a primeira palavra parta dos outros. Sei que tantas pessoas me reconhecem, cumprimentam-me quando nos encontramos nas ruas, me fazem elogios, mas depois eu fico sempre só, e isto não é bom. Acredito que para sair do manicômio que temos dentro do coração, seria preciso encontrar uma pessoa de confiança, uma pessoa à qual se possa dar tudo de si mesmo. Não digo de encontrá-la imediatamente, pode ser daqui a um ano, dez, ou vinte, quem sabe, a sorte pode talvez chegar. Se eu a encontrasse poderia verdadeiramente dar tudo de mim, ou seja, tudo aquilo que tenho no coração, até mesmo os anos que vivi dentro do manicômio; se eu encontrasse esta pessoa, seria como não tê-los vivido. Seria a liberdade. Gostaria de reviver a minha juventude, sair com os amigos para comer uma *pizza*, ou quem sabe jogar baralho, ou comer um bom churrasco³.

O outro, após ouvi-lo, abriu as janelas da sala onde estavam para deixar entrar o que a cidade tinha a dizer sobre ele, desejou conhecer a ressonância das pegadas deste andarilho nos caminhos insistentemente percorridos. Abrindo a janela, foi em direção ao bar e à tabacaria frequentados por Franco diariamente. No bar da Via Marconi ouviu o seguinte da proprietária:

Conheço Franco há muitos anos, desde que veio morar aqui após o fechamento do pavilhão onde estava internado. Ele começou a frequentar este bar há mais ou menos três anos. É uma pessoa com quem temos uma ótima relação, vem aqui regularmente todos Os dias, comporta-se muito bem, é autossuficiente, nos faz sempre alguns favores, como por exemplo ir ao banco trocar dinheiro, e se precisamos de alguma coisa, ele vai comprar. É uma relação de recíproca estima e também de confiança; este é um pequeno bairro onde quase todos se conhecem. Ao contrário dele, existem pessoas um pouquinho mais agitadas, pessoas que, sem dúvida, deveriam ser

³ O depoimento de Franco Fuzzi e dos comerciantes da cidade de Ímola foram extraídos do documentário MA DOV'É FRANCO'?, 1997.

acompanhadas mais pela estrutura psiquiátrica. Não se pode fechar o hospital e depois dar adeus. Segundo o meu ponto de vista, existem pessoas que sofrem em estar fora porque viveram uma vida lá dentro, são acostumadas a conviver com outras pessoas, e de repente encontram-se sozinhas em um apartamento. Tem uma senhora que vem aqui com frequência, mas ela não sabe o que fazer, aonde ir, parece um pouco perdida. É difícil sair, mas, repito, depende do caso.

Na tabacaria, a tradução de Franco pelos proprietários ganhava particulares sentidos:

Franco é nosso cliente, um ex-paciente do Lolli. O conhecemos porque é um cliente singular, com problemas porque está o tempo todo sozinho. O fechamento do hospital é justo porque os pacientes são fechados ali dentro, sem um momento de liberdade ou de vida privada, onde suas vidas são sempre controladas. É justo fechar o hospital, mas é preciso criar estruturas fora que acolham os pacientes, que tantas vezes são vistos pelas ruas abandonados, sós, vivendo marginalizados pela sociedade. Não conseguem manter em ordem as suas coisas; para cozinhar, por exemplo, precisam de uma mão, e frequentemente vão à confeitaria. Eles têm dificuldades para enfrentar a vida, como cozinhar, cuidar de suas roupas *etc.* Com frequência nós ajudamos Franco, lhe damos camisas porque necessita. Ele precisa de uma lavanderia; outro dia ele estava muito sujo, desleixado; necessita de uma pessoa que o acompanhe, que o ajude a respirar nesta sociedade, e a prosseguir na vida cotidiana, porque é difícil a inserção na nova vida. Para mim, ele se encontra muito só no meio dos outros, e isto é desagradável porque Franco é muito sensível. Ele nos dedicava belas poesias com muito afeto; é uma pessoa entusiasmante, porém muito sozinho.

Seguindo os rastros dos passos repetidos, o estrangeiro encontrou a casa do andarilho. Nela, fatos e impressões o traduziam em outros sentidos.

São fortes as cores e os odores do apartamento da Via Marconi, um espaço ocupado por imagens e pelo uso. Ali nada é asséptico. Os objetos prenunciam gestos em prosseguimento, efêmeros, seduzindo o visitante a compartilhar da narração. As cadeiras e mesas pintadas e repintadas em cores vivas, manchadas, deixando transparecer justaposição de usos, insinuam que uma cena lúdica realizou-se, sucedeu um jogo, e a qualquer momento poderá recomeçar. São móveis envelhecidos por acontecimentos,

por toques, utensílios desprezíveis disponíveis para contatos. É uma casa desprovida de neutralidade. Os livros na estante, dispostos ao alcance das mãos, sobre pássaros e botânica informam as preferências do morador e, simultaneamente, solicitam aproximação, assim como todos naquela casa. Dos móveis à solidão do morador, tudo é revestido por presenças. A suspensão da tediosa inevitabilidade do cotidiano encontra-se nas coisas e nos cantos. Na parede do quarto, desenhos pintados por ele junto aos amigos enchem a casa de peixes. Por meio desses desenhos e cores as imagens parecem não revelar, decorar, ou representar nada. São imagens de experimentações de sentidos, carregadas de tempo, portando a urgência de fazê-lo escapar do manicômio.

No Hospital Psiquiátrico Lolli, residiam imagens do delírio arraigadas a significados duros e à dor. Na casa dos objetos envelhecidos por acontecimentos, dos panos cheirando a uso e a finitude, das paredes manchadas por contatos, as coisas incrustam-se de morte e criação. Os objetos revidam o olhar de quem os observa. Nada é réplica, eterno ou mudo. Ali a solidão não é asséptica. O habitar, para Franco Fuzzi, desconhece ninhos ou casulos.

Sua modalidade de apropriação do espaço ignorava a proteção e o isolamento dos lares românticos, delimitando compactas barreiras entre o mundo íntimo e o de fora. Sua residência experimenta o tempo e abriga uma memória que não arquiva e nem restaura o passado; ela se espanta e interfere, recriando. Uma memória movida pelo desassossego. As janelas estão sempre abertas, quebrando rígidas fronteiras. O tempo das imagens do apartamento da Via Marconi é pleno de infatigáveis surpresas. São imagens que apelam. Uma casa habitada por rugas e por apelos. Da solidão de Franco aos objetos, nada é liso ou repleto de paz, foi a impressão do amigo estrangeiro.

Após a visita à casa da Via Marconi, o outro constatava uma intrigante disparidade. Confrontava o que tinha presenciado naquela casa ruidosa com os depoimentos na tabacaria e no bar, traduzindo Franco e seus companheiros do manicômio em cidadãos frágeis e abandonados. A escassez de bens de consumo, o descuido, a ausência de companhia

desenhavam o andarilho dos passos repetidos e seus companheiros em particulares consumidores da era do mercado veloz. O fechamento do Lolli e do Osservanza, segundo os depoimentos dos comerciantes, os reeditavam em atônitos personagens desprovidos de lugar e de visibilidade. Em certas falas da cidade, eram vistos como doces crianças à espera de proteção; em outras, traduzidos em consumidores inábeis, na expectativa de máquinas de lavar e de uma residência onde tudo funcione dentro dos princípios higiênicos. Fragilizados e atônitos, vagavam pelas ruas de Imola, predestinados à escassez e à homogeneização. A visibilidade de suas histórias dava lugar a uma compacta diferença, estranha a todos. Contornos de corpos esculpido por faltas acentuavam a invisibilidade. Vidas tristes e fracas condenadas à sombra e aos eletrodomésticos. “O que têm a nos dizer estas degradadas formas de vida? O que restou após tantos anos de violência asilar? Nada”.

Perguntando e respondendo sobre a vida fora do manicômio, certos discursos da cidade os traduziam em vultos. Gradativamente, a casa ruidosa de Franco Fuzzi, dos panos cheirando a finitude, convertia-se em ficção científica. Imagens carregadas de tempo, seduzindo e desassossegando, diluíam-se em nada. Invisíveis e inodoros tornavam-se todos e tudo no pequeno apartamento da Via Marconi. A loucura impregnada de perigo e desrazão dava lugar a outros sentidos.

Fazia frio no final do outono. Caminhar pelas ruas planas de Imola não aquecia os passos rápidos do estrangeiro. As díspares vozes da cidade o atordoavam. O diverso o desacomodava, fazendo-o andar mais rápido e não encontrar um pouso tranquilo. Diferentes tonalidades de luzes da estação, naquela tarde fria, o faziam recordar modalidades de solidão. Para ele não importava a sua, e nem a da cidade esvaziada pelo vento cortante. Atordoado pelo contraste entre a casa das imagens que apelam, divergindo dos depoimentos dos comerciantes apontando a fragilidade dos expacientes, recordou, entre elas, três modalidades de solidão: a do tirano, a do rebelde sonhador, e a dos tristes e angustiados. Modalidades ausentes de

inconsciente, sujeito, consciência, porém recentes e atuantes na história do ontem e na do agora.

A primeira diz respeito ao fascínio pelo poder, e à força. É a que encerra o tirano no isolamento de suas ambições, onde tudo fora dele é instrumento ou resto. O poder, para esta modalidade, não cria, e desconhece o desejo por mudanças; serve apenas ao tirano como meta de afirmação e confirmação da potência de suas ideias. A solidão reverberará implacavelmente na inutilidade dos que o cercam, fazendo-o perfeito e eterno. Torturando, exercerá o seu ser no mundo na busca da perfeição e do poder, refletido no outro tornado coisa. Quando fracassa na consecução de suas metas, será condenado ao exílio; porém, este não é o lugar definidor da solidão da tirania. No rosto dos fracacos que compõem o resto, no espelho onde uma estratégica paranoia é refletida medindo forças, a encontramos fazendo do tirano poderoso, completo, eterno, e só. A solidão não o faz sofrer. A inutilidade, o nada do outro, é o seu alimento e companhia.

A segunda, a do rebelde sonhador, é tecida a partir da constatação sofrida, do desencanto, frente a um mundo dissonante às ideias do sonhador. Sofrimento decorrente da falência de modelos, de ausências de réplicas, de rebeldias iguais. Difere da dor presente na vida ordinária, movendo o homem comum a deparar-se com a contingência, a experimentar perdas, finitudes, tornando-se humano no ato do fazer e do inventar. Nesta modalidade, o sofrimento ausenta-se de disparidades do mundo, configurando-se em dor épica impregnada de aura. É o sofrer dos heróis e do sonho da ideia. Encontra-se nos utópicos desatentos às coisas miúdas do cotidiano, ignorando dores e invenções incrustadas em fatos medíocres. Os sonhos, nesta modalidade, não devem ser despertados ou interpelados por outros sonhos estranhos, impuros, híbridos. Encerrados nas utopias e na rebeldia, construídos isoladamente, ignoram revoltas alheias e fecham-se no desencanto ou na esperança. Uma espera sofrida, vaidosa, e só.

A terceira, a dos tristes e angustiados, encontra-se nos pesquisadores de mistérios, nos exploradores de tesouros e de infernos assentados dentro do si mesmo ausente de outro. Esta modalidade, ao contrário da segunda,

não procura réplicas de sua rebeldia no mundo porque é incapaz de sair para fora de si. A solidão dos tristes e angustiados, originária da exploração incansável dos enigmas a decifrar, a que promete tesouros e localiza infernos interiores, é única e intransponível. A do outro, só a ele pertence. O díspar, o fora de si, aturdindo e redesenhando fronteiras, servirá ao usuário desta modalidade como recurso analógico, mas nunca lhe trará espanto fazendo-o sair dos seus limites. A tristeza, para este solitário, resulta do necessário exercício de conhecimento de rastros pessoais, das marcas deixadas nos caminhos percorridos absolutamente só. Tristezas e angústias manchadas de mundo, prenunciando sopros de vida, rastreando encontros dissonantes, inacabamentos de gestos e de existências, São preteridos. Repleta de emoções encharcadas de eus e inconscientes, a solidão destes tristes e angustiados hermeneutas se faz envolta por mistérios. É a modalidade fundada na incerteza. Apesar de triste, as dores do mundo lhe escapam, não dizendo coisa alguma.

No outono imolês, o estrangeiro descobriu uma modalidade híbrida, contemporânea da hegemonia do mercado veloz da globalização. De certas vozes da cidade conheceu a solidão asséptica. Ao contrário das três modalidades lembradas, possuía uma textura lisa, amorfa, desprovida de tensão e visibilidade. Encerrado na produção do mundo global da circulação ininterrupta, das coisas e afetos descartáveis, o solitário aliena-se de suas tramas e alvos e torna-se um passageiro de um fluxo desconhecido. Perde as nítidas geografias do dentro e fora dos outros solitários e, silenciosamente, se movimenta invisível. Em constantes desterritorializações, só vislumbrará o que lhe falta. Carência e circulação compõem esta moderna modalidade, tornando seus usuários ávidos e disformes consumidores de tudo, e igual a todos. Sem história, forma, desejo, lugar, mesmo que provisório, traduzem-se em asséptica opacidade.

De certas vozes da cidade, o estrangeiro conheceu a solidão globalizada, higienizando as díspares impurezas urbanas, traduzindo as rugas de Franco Fuzzi e as dos seus companheiros do Lolli e do Osservanza em homogêneas linhas ausentes de narração. O risco da conversão da

rugosidade desses novos atores urbanos em códigos de barra, ou do desvio do percurso dos passos repetidos do andarilho da Via Marconi em caminhos que não se repetem, o preocupava. Ele intuía que a repetição do percurso era uma potente arma contra a invisibilidade de Franco. Atento a estas ameaças, lhe veio à lembrança a imagem de uma cidade particular, descrita por um estrangeiro alemão. Era Nápoles, a cidade porosa. O estrangeiro e filósofo alemão, descrevendo a experiência napolitana, o aproximava da solidão de Franco Fuzzi, uma modalidade igual à da cidade:

A arquitetura é porosa como essas rochas. Construção e ação se entrelaçam uma à outra em pátios, areados e escadas. Em todos os lugares se preservam espaços capazes de se tornar cenário de novas e inéditas constelações de eventos. Evita-se cunhar o definitivo. Nenhuma situação aparece, como é, destinada para todo o sempre; nenhuma forma declara o seu 'desta maneira e não de outra' (...) Pois nada está pronto, nada está concluído... Aqui também há uma interpenetração do dia e da noite, do ruído e do silêncio, da luz de tora e da escuridão de dentro, da rua e do lar (BENJAMIN, 1987: 147–148).

Franco Fuzzi comunicando ao amigo estrangeiro o projeto de fazer amigos dissolvia, da solidão, o isolamento. Na dos tiranos, dos tristes angustiados, dos rebeldes sonhadores, entre outras modalidades, o isolamento as sustenta. Essas formas emergentes da história, construídas por conflitos e impasses das práticas humanas, nutrem-se de singulares fronteiras. Apesar das singularidades, possuem uma característica comum: são apartadas daquilo que almejam ou rejeitam. Fechadas e protegidas, com suas metas, sonhos, poder, encarceram-se no mundo impermeável do solitário. Fazer amigos, para Franco, talvez o tornasse vulnerável, contingente, evitando o amargo teor das situações destinadas “para todo o sempre”, reduzidas ao “desta maneira e não de outra”. Fazer amigos lhe imprimia porosidade. A solidão dele, “interpenetrando dia e noite, ruído e silêncio”, cunhava o cenário de inéditas constelações de afetos. Tudo poderia acontecer. Havia nela desejo, e não falta.

Apesar dos 32 anos vividos no “espaço da memória interrompida”, resistia, como muitos outros, recusando “cunhar o definitivo”. Resistia

usando a curiosidade, deixando-se ser atravessado por acontecimentos não restritos a si mesmo. “O meu sonho para o futuro é encontrar muitos amigos. Mas como faço?” Precário e curioso, dissipava a fragilidade da condição de carente. Na solidão dele, a porosidade era movida por desejo, e não por falta. O “como faço?” precário e curioso o movia para fora das amarras do definitivo. “Interpenetrando ruído e silêncio”, como a cidade onde “nada está pronto, nada está concluído”, lutava contra o manicômio de dentro, de fora, ou de qualquer lugar. Ímola era usada incansavelmente nesta luta.

Certas vozes do capital, apropriando-se da cidade, traduzindo-o em solitário asséptico, consumidor fracassado, o impermeabilizavam. Para elas, ávidas em experimentar identidades na busca de necessidades nunca saciadas, metamorfoseando-se seguindo o devir do mercado global, o mundo é um fascinante turismo. Essas vozes e o que elas excluem são o alimento do capital. Para Franco, segundo este alimento, o seu posto está traçado em nomadismo sem escolha; um percurso errante coreografado por uma dura identidade que não lhe permite sair do lugar, apesar do errático movimento. Consumidor inábil, vagabundo, nômade, desprovido de escolha, são as únicas possibilidades para os excluídos do mercado global.

O estigma da modernidade, marcando e definindo a loucura em periculosidade e desatino, apesar de ainda manter-se em nossos dias, perde a força. De furiosa e ameaçadora, transforma-se, gradativamente, em transtorno, ineficiência, vulto. Manicômios, reformatórios, estabelecimentos erguidos para os cuidados dos males da alma no passado perdem sorratamente suas funções. Os vigiados ingressos bloqueavam a saída. Agora, a exclusão impede a entrada. Manicômios e reformatórios, pouco a pouco, tornam-se desnecessários. Instituições bloqueadoras do escape desatualizam-se no contato com o espaço do capitalismo global, traduzido em volátil, em ciberespaço. O banco de dados, por exemplo, ilustra essa espacialidade e o controle aos que não podem entrar:

O banco de dados é um instrumento de seleção e exclusão. Ele segura na peneira os globais e deixa passar os locais. Algumas pessoas ele admite no ciberespaço extraterritorial, fazendo com que se sintam à

vontade onde quer que se encontrem e sejam bem-vindas onde quer que cheguem; outras têm seu passaporte e vistos de trânsito confiscados, sendo impedidas de perambular pelos espaços reservados aos residentes do ciberespaço (...). O banco de dados é um veículo de mobilidade, não grilhões a imobilizar as pessoas (BAUMAN, 1999: 59).

Praças projetadas para circulação, *shopping centers*, condomínios fechados, entre outros espaços privatizados, enunciam a exclusão da entrada e a indiferença ao que está além dos seus limites. Dentro dessas máquinas de sentidos, os usuários poderão experimentar sonhos e identidades. Fora, não existe nada. Muralhas e portas do passado, sinalizando o perigo do forasteiro, as impurezas urbanas, perdem suas funções. A cidade traduz-se em passagem ao redor dos privatizados oásis da convivência e do consumo. Fora, não existe ninguém. Dentro, o presente se eterniza, alimentado por faltas e indiferença.

Entre oásis do consumo e guetos dos consumidores fracassados, uma mapa da cidade invisível indica a falência e os efeitos desses espaços. São conflitos, insurreições urbanas anunciando os efeitos das “cidades das diferenças”. Por meio deste mapa, estratégias urbanas em conflito traduzirão a inevitabilidade da diversidade, celebrada pelo mundo da globalização, em violência. Consumidores fracassados não serão movidos por carência, mas por revolta. Usarão astúcia no dia-a-dia, fazendo da invenção um ato político. Algumas estratégias em turbulência poderão remetê-los a sutis armadilhas, deixando a revolta no meio do caminho, seduzidos por confortáveis oásis do consumo ou por comunidades fechadas entre si. Caindo nesta cilada, esquecerão a intensidade da luta, seduzidos por identidades ou pelas promessas da felicidade privatizada do mundo global. Outras estratégias em turbulência afirmarão a cidade como local propício para o combate, fazendo da revolta uma obra solidária. Nesta ação, o ontem será inesgotável, e o presente uma experimentação constante de solidariedade. No mapa das cidades invisíveis, estranhos e microscópicos combates acontecem no dia-a-dia, por detrás da publicidade iluminada em *néon* e dos espaços da velocidade.

Franco Fuzzi desejando fazer amigos, astuciosamente desejando, tornava-se poroso e visível. O desejo intensificava a sua história e lhe dava

corpo. Usava Ímola para essa conquista, enfrentando vozes da dissonante polifonia urbana. Conquistar visibilidade era quase um ato de combate. À semelhança das rochas de Nápoles, descritas pelo filósofo alemão, assentava o cenário para inéditas constelações de eventos, destruindo uma compacta sina. A solidão de Franco, insurgindo carregada de precariedade e curiosidade, deslocava o posto definitivo da predestinação.

O andarilho da Via Marconi, repetindo o trajeto pelas ruas de Ímola, transgredia o dever do mercado globalizado gerador da opacidade do sofrimento alheio e das possibilidades de dissolvê-lo. Parecia dizer para os acontecimentos que ficassem, permanecessem mais um pouco, que não morressem antes de tornarem-se vivos. Repetia, como muitos outros, impedindo o esmaecimento de sua singularidade conquistada ardentemente por meio de uma história incansável, não exaurida, onde não protagonizou e protagoniza só. A redundância do trajeto urbano enunciava: Veja. Fique. Existo. Prossigamos. Franco Fuzzi, cidadão de Ímola, internado 32 anos no hospital psiquiátrico Lolli, usava a cidade para dissipar o volátil manicômio contemporâneo que não lhe permite entrar, escolher, ter corpo. Uma luta urbana microscópica, incansável, como muitas outras.

Da Via Marconi à Via Carducci repetia os passos como injustiças não indenizadas; ritmos do cotidiano; gestos banais, prenunciando ausências e presenças; ondulações marítimas; movimentos circulares das mulheres argentinas na Praça de Maio, exigindo seus mortos; rituais vivificando a memória; apelos inconformados; surpresas diurnas e noturnas de todos os dias, como tudo que, repetindo, afirma intensidade e diferença. O andarilho da Via Marconi repetia os passos à semelhança das renitentes insurreições de trajetos de vida que ficaram na metade do caminho, à espreita do agora. Franco repetia para não sumir, ser apagado, desmaterializar-se. Uma luta urbana como muitas outras. Repetia como as mulheres argentinas exigindo seus mortos, vivificando a memória e a cidade.

Referências bibliográficas

- BARRETO FILHO, M.; LIMA, H. *História da Polícia do Rio de Janeiro. Aspectos da cidade e da vida carioca 1831–1870*. Rio de Janeiro: A Noite, 1942.
- BAUMAN, Z. *Globalização, as consequências humanas*. São Paulo: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II. Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DE LUCA, L.; FRATTURA, L. *Ruolo e Funzioni delle Strutture Residenziali nelle Politiche e miei Programmi di Salute Mentale*. Imola, 1999 (mimeo).
- VENTURINI, E. *et al. La città proibita: Nascita e fine dell Ospedale Psichiatrico di Imola (1844–1994)*. Imola: Azienda USL, 1994.

Referência cinematográfica

- Documentário MA DOV'É FRANCO'?, direção e roteiro: Luiz Antonio Baptista. Filmagem e edição: Luigi Martinuci. Produção: La Palazzina, Imola, 1997.